

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

**CLARICE LISPECTOR: A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA EM MACABÉA E ANA**

CAMILO, Sarah Pereira <sup>1</sup>

MULTIVIX

**Resumo:**

Este trabalho analisa a violência psicológica contra a mulher nas personagens da autora Clarice Lispector. Dessa forma, é traçado um paralelo específico acerca do psicológico das personagens Macabéa, da obra “A hora da estrela” e Ana do conto “Amor”, da obra “Laços de família”. Cada uma delas pertence a um tipo de classe social, o que as tornam distintas, mas a agressão psicológica é algo que elas têm em comum. Esta análise tem o objetivo de mostrar como tal violência é retratada na literatura de Clarice Lispector e como a esfera social de cada uma age em relação às mulheres. Ana é dona de casa e pertence à sociedade patriarcal, enquanto Macabéa está inserida num contexto histórico-social voltado para o capitalismo e expansão industrial no Rio de Janeiro. Sob luzes das obras Por uma moral da ambiguidade, de Simone de Beauvoir, O mal-estar na civilização, de Sigmund Freud, Clarice: uma vida que se conta, de Nádia Battella Gotlib. Por fim, veremos como Ana e Macabéa se tornam vítimas e como as obras acabam sendo a dominação do gênero feminino pelo masculino: Macabéa por Olímpico e Ana por seu marido.

**Palavras-chave: Violência psicológica; Mulher; Sociedade.**

**INTRODUÇÃO**

O presente estudo analisará a violência psicológica contra a mulher nas personagens Ana, do conto “Amor”, em “Laços de Família” e Macabéa, em “A hora da estrela”. O contexto histórico das personagens descritas nas obras de Clarice Lispector se configura num modelo de sociedade patriarcal e machista, na qual o papel da mulher se restringe ao de ser mãe e esposa. Preocupar-se com os afazeres domésticos era a sua obrigação e serventia.

Para a psicologia, as mulheres são “vítimas de processos ancestrais de exclusão social, discriminação e violência dentro de suas próprias casas, as mulheres muitas vezes não dispunham de meios nem mesmo para identificar a agressão como tal” (Conselho Federal de Psicologia, 2013, p. 32).

---

<sup>1</sup>Formada em Letras pela Faculdade Capixaba da Serra, Multivix, email: sarah\_camilo@hotmail.com

O interesse em abordar a violência psicológica contra a mulher se deu pelo fato de ela ser, em certa medida, ainda pouco divulgada, já que quando se fala em agressão emocional contra a mulher pode-se associar a agressão física, apesar de haver outras formas de manifestação de perversidade.

A Lei nº 11.340 de 2006, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, é um dispositivo legal que cria mecanismos para coibir a violência contra a mulher. Ela define violência psicológica em seu art. 7º, inciso II:

A violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.

No conto “Amor”, veremos que a personagem Ana se caracteriza como aquela mulher dona de casa e que tem a sua rotina em prol do lar e da família. “Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação” (LISPECTOR, 1998, p. 12).

A partir desse conto, será analisada a violência psicológica no âmbito familiar que Ana enquanto dona de casa sofre. Ou seja, para a sociedade Ana era simplesmente a mulher que cuidava dos filhos e marido. Já Macabéa, personagem de “A hora da estrela”, é acometida de uma terrível alienação, sem saber ao certo quem realmente é. Nessa obra será analisada a violência psicológica da qual a personagem é vítima.

Macabéa está, por sua vez, inserida num contexto histórico-social voltado para o capitalismo e expansão industrial. Portanto, a personagem ingênua diante da vida e da sociedade se torna vítima do capitalismo, uma vez que a nordestina não tem nenhuma ambição e, conseqüentemente, não corresponde ao padrão imposto pela globalização.

Como instrumento de análise, usar-se-á embasamento bibliográfico das próprias obras de Clarice Lispector, “Laços de família” e “A hora da estrela” e outras referências no que implica a psicanálise com Sigmund Freud e a filosofia com Simone de Beauvoir, tendo o intuito de entendermos o comportamento dessas personagens.

## VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA EM MACABÉA

A obra “A hora da estrela” apresenta-se como uma denúncia da realidade de muitos migrantes nordestinos que passam a viver nas capitais brasileiras, muitas vezes com esperança de crescimento social e econômico. No entanto, de acordo com o narrador de Clarice Lispector, Rodrigo S.M, Macabéa, personagem principal da obra, não sente nenhum tipo de vontade, nenhuma ambição de absolutamente nada. E é a partir de sua personalidade que será analisada a violência psicológica, uma vez que a personagem está inserida numa sociedade voltada para o capitalismo da década de 1970 no Brasil.

Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira. Material poroso, um dia viverei aqui a vida de uma molécula com seu estrondo possível de átomos. O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida. (LISPECTOR, 1998, p.13).

Macabéa é uma pobre moça que saiu do sertão de Alagoas e mudou-se para o Rio de Janeiro. “Limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela” (LISPECTOR, 1998, p.15). Ou seja, Macabéa era uma moça ingênua – só estudou até o terceiro ano primário – e, sobretudo, não correspondia ao padrão de beleza e de mulher imposto pela sociedade: “mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém” (LISPECTOR, 1998, p.13-14).

Para Sigmund Freud, em “Totem e Tabu” (1913/1996), o percurso da história da civilização nada mais é que o relato dos diversos métodos adotados pela humanidade para ‘sujeitar’ seus desejos insatisfeitos que defrontam-se com a realidade, às vezes favoravelmente e outras com frustração. E isso acontece com Macabéa, partindo pela origem de seu nome.

Flávia Trocoli comenta a respeito do nome da personagem: “No nome próprio, Macabéa, a evocação da morte. (...). Lembremos que *macchabeé*, em francês, significa cadáver. Além da afinidade sonora entre Macabéa e macabra” (TROCOLI, 2010, p. 58). E, também, faz referência ao povo macabeu, que viveu aproximadamente 175 anos A.C. (ROSENBAUM, 2002, p. 61). Ou seja, para Lispector, a personagem pode ser também a catarse de um sofrido passado judaico.

Sob outro aspecto, e não segundo as declarações da escritora, a personagem pode ser também a catarse de um sofrido passado judeu, evocação da cultura hebraica, tão presente em seu nome – Macabéa –, lembrando a luta dos macabeus, que resistiram defendendo o templo no Monte Sião contra a força dos gregos e recusando-se a desobedecer às leis judaicas. (GOTLIB, 2013, p. 579).

Diante desse panorama histórico, lembramo-nos de um povo que foi obrigado a obedecer às leis de outro povo. E com Macabéa não é diferente, uma vez que ela pertence a um povo, os alagoanos. Após se mudar para o Rio de Janeiro, vive no contexto social que pertence aos cariocas. A partir daí se inicia a violência psicológica cometida pela sociedade e, conseqüentemente, do capitalismo contra a moça.

Sozinha na metrópole e sem recursos financeiros, Macabéa aluga um quarto que divide com outras garotas e se emprega como datilógrafa, recebendo menos de um salário mínimo. “A Macabéa de Clarice Lispector não deixa de ser a personificação da mulher como ser oprimido” (MASI; AMANTO, acesso em: 10 de mar. 2014), entretanto, a personagem não tem consciência de sua própria existência no mundo, isto é, para o que viver.

Macabéa transpõe a total alienação do ser. Manhosa e sem perspectiva de vida, a personagem apenas sobrevive. Sem percepção do mundo, nem de si mesma, não conseguia captar os acontecimentos que a cercavam. Ainda assim, guardava para si alguma curiosidade de menina ingênua e sem instrução, para quem as poucas coisas interessantes lhe aguçavam um sentimento de saber “por quê?” (MASI; AMANTO, acesso em: 10 de mar. 2014).

Olímpico de Jesus, conterrâneo e namorado de Macabéa, representa a partir de seu comportamento, um grupo social que se desliga de suas origens a fim de se adaptar à sociedade moderna na qual está inserido. Enquanto Macabéa acredita que a melhor herança são as boas maneiras, Olímpico pensa no dinheiro: “Pois para mim a melhor herança é mesmo muito dinheiro. Mas um dia vou ser muito rico, disse ele que tinha uma grandeza demoníaca: sua força sangrava” (LISPECTOR, 1998, p. 46).

Dessa forma, Olímpico se deixa corromper pelos moldes capitalistas já que tem o desejo de conquistar um cargo político: “sou muito inteligente, ainda vou ser deputado” (LISPECTOR, 1998, p. 46), e se orgulha da profissão que tem, dizendo ser metalúrgico e não operário. Macabéa, por sua vez, não deseja nada, até mesmo porque não sabe o que é desejo. Mantém diálogos vazios e frios com o namorado. Por isso, Olímpico, com sua prepotência, trata a moça como a um animal sem importância e respeito.

Assim acontece com aquelas pessoas que não se configuram no contexto imposto pela sociedade, ou seja, o grupo social que tem ambição é capaz de alcançar seus objetivos sem quaisquer noções de moralidade e pudor. E quem pertence ao grupo social semelhante ao de Macabéa logo é esquecido e ignorado. Apenas sobrevive, não tendo, assim, alguma oportunidade de crescimento no trabalho e como cidadão. No caso de Macabéa, Olímpico a troca por outra, já que a namorada não se enquadra no modelo feminino desejado pelo rapaz.

Embora pareça engraçado no início da narrativa, a personagem de Lispector é apresentada como a imagem de uma mulher alienada, cenário das mulheres daquela época. Contudo, o que causa humor para o leitor diante das características descritas na personagem é a naturalidade como se dá a violência psicológica, tendo em vista que ela é silenciosa e a mulher não se dá conta de que está sendo vítima de um dos piores tipos de violência.

[...] as mortes e hematomas não são as únicas consequências que os abusos verbais precedem, pois a violência psicológica e emocional causa outros problemas gravíssimos. Um comentário depreciativo é o suficiente para agredir a autoestima e a percepção de valor próprio do alvo, várias vezes minando sua vontade de viver. Gestos e palavras agressivas transformam uma mulher em um rascunho de ser humano, perdida na dependência emocional e sem forças para enxergar uma realidade melhor. Os termos e chantagens são tão pesados que fazem com que a vítima não consiga entender que merece um relacionamento feliz, já que aquele contexto de sofrimento se torna o padrão, a única opção. (ARRAES, 2013, acesso em: 12 de mar. 2014).

Note-se que há em Macabéa um jeito diferente de observar o mundo e sentir o que nele existe. Com efeito, essa maneira de viver acaba não sendo valorizada pela sociedade e nem por Olímpico, uma vez que “existem certos homens que não contam com a admiração de seus contemporâneos, embora a grandeza deles repouse em atributos e realizações completamente estranhos aos objetivos e aos ideais da multidão”. (FREUD, 1996, p.73).

Ela era calada (por não ter o que dizer) mas gostava de ruídos. Eram vida. Enquanto o silêncio da noite assustava: parecia que estava prestes a dizer uma palavra fatal. Durante a noite na rua do Acre era raro passar um carro, quanto mais buzinassem, melhor para ela. (LISPECTOR, 1998, p. 33).

No discorrer da narrativa, Rodrigo S. M diz que Macabéa é neurótica, “claro que era neurótica, não havia necessidade de dizer” (LISPECTOR, 1998, P. 34) e ainda completa “sim, ela era alegrezinha dentro de sua neurose. Neurose de guerra” (LISPECTOR, 1998, p. 36). Com efeito, para a psicanálise significa que, em geral, as neuroses estão associadas à natureza do sujeito e tem por objetivo impulsioná-lo mesmo para fora da sociedade.

A psicanálise reconheceu que, em geral, as neuroses são associadas em sua natureza e visam sempre a impulsionar o indivíduo para fora da sociedade e a substituir a segura reclusão monástica dos primeiros dias pelo isolamento da doença. (FREUD, 1996, p. 196).

A datilógrafa se contentava em apenas ser, não havia nenhum luxo a não ser o de ir ao cinema uma vez por mês, pintar as unhas roídas e beber Coca-Cola. Conformava-se em viver dessa forma, pois de algum modo sabia que se vivesse de acordo com a sociedade poderia fracassar ou perder a sua liberdade. Simone de Beauvoir em “Por uma moral da ambigüidade”, obra que introduz os seus primeiros passos na filosofia, diz que a liberdade pode morrer por causa da sua própria manifestação.

Na verdade, para que a minha liberdade não corra o risco de vir morrer contra o obstáculo suscitado por seu próprio engajamento, para que ela possa ainda através do fracasso prosseguir seu movimento, é preciso que, dando a si mesma um conteúdo singular, ela vise através dele a um fim que não seja coisa alguma, mas precisamente o livre movimento da existência. (BEAUVOIR, 2005, p. 30).

Todavia, Macabéa consegue manter ingenuamente a sua dignidade na sociedade, uma vez que continua à margem da disputa burguesa.

A moça, ignorando os obstáculos, consegue manter uma dignidade patente no seu modo puro. Sob esse aspecto, representa o milagre da vida, o sumo vital, o que paira acima de qualquer circunstância de limitação social. Mas, como tal condição é “deslocada” no sistema vigente, já que se mantém à margem da disputa burguesa de ascensão social, acaba sendo devorada pelo próprio sistema, porque aí ela é um “ser fora de lugar”. (GOTLIB, 2013, p. 579).

Macabéa em geral tinha vergonha da verdade, pois, para ela, a mentira era mais decente e a verdade só conhecera quando sozinha. Depois de Macabéa perder o namorado, sua colega de trabalho, Glória, lhe diz para procurar uma cartomante que era médium e sempre acertava as previsões. Usando de mentira, a nordestina diz ao chefe que precisaria arrancar um dente, e, por isso, não poderia ir trabalhar. Seu Raimundo aceita a justificativa, o que agrada a moça.

No dia seguinte, foi até a madama Carlota. Enquanto esperava para ser atendida, Macabéa admirava o luxo que a rodeava. Depois que uma moça saiu da consulta com olhos avermelhados, madama Carlota mandou Macabéa entrar. A cartomante procurava deixar a moça mais tranquila para contar a sua história de vida. A partir daí vem o primeiro conselho:

O carinho de mulher é muito bom mesmo, eu até lhe aconselho porque você é delicada demais para suportar a brutalidade dos homens e se você conseguir uma mulher vai ver como é gostoso, entre mulheres o carinho é muito mais fino. Você tem chance de ter uma mulher?  
- Não senhora. (LISPECTOR, 1998, p. 74).

A madama então começa a ver a vida de Macabéa, e com os olhos arregalados diz: “Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Que horror!” (LISPECTOR, 1998, p. 76). A ingênua moça ficou assustada, pois não sabia que sua vida era tão ruim. De acordo com Rodrigo S. M ela não tinha consciência de si, como diz nesta passagem: “e acontece que não tinha consciência de si e não reclamava nada, até pensava que era feliz.” (LISPECTOR, 1998, p. 69). Com efeito, nota-se que é nesse momento que Macabéa vê a sua própria vida e percebe o quanto era infeliz e a sua existência no mundo começou a ser reconhecida.

Madama Carlota havia acertado tudo. Macabéa estava espantada. Só então vira que sua vida era uma miséria. Teve vontade de chorar ao ver o seu lado oposto, ela que, como eu disse, até então se julgava feliz. (LISPECTOR, 1998, p. 79).

De súbito, a cartomante com rosto iluminado prevê grandes notícias, aliás, boas notícias. Madama Carlota repete várias vezes que tais notícias mudarão a vida da moça, mas “Macabéa nunca tinha tido coragem de ter esperança” (LISPECTOR, 1998, p. 76). Contudo, diante das palavras da madama, “seus olhos estavam arregalados por uma súbita voracidade pelo futuro (explosão)” (LISPECTOR, 1998, p. 77), e enfim Macabéa desejava um futuro para si.

Em Macabéa não há Razão: há o sentir e a percepção sempre deslocada e incongruente do mundo, das coisas, das pessoas, do ser e do ser-no-mundo. Nesse sentido, nega o Logos cartesiano – “Penso, logo existo” – e o funcionamento e o utilitarismo a ele associados para a ordem moderna e burguesa. (GUARIZO, acesso em: 12 mar. 2014).

A previsão dizia que Macabéa iria se casar com um homem bonito, rico e teria muito dinheiro.

Pois vai conhecer. Ele alourado e tem olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos. E se não fosse porque você gosta de seu ex-namorado, esse gringo ia namorar você. Não! Não! Não! Agora estou vendo outra coisa (explosão) e apesar de não ver muito claro estou também ouvindo a voz do meu guia: esse estrangeiro parece se chamar Hans, e é ele quem vai casar com você! Ele tem muito dinheiro, todos os gringos são ricos. (LISPECTOR, 1998, p. 77).

Não obstante, não só Macabéa ficara feliz, mas também a cartomante, já que as cartas eram boas. A madama ainda frisa que sempre fala a verdade e relata, por exemplo, as previsões que fizera para a moça anterior à Macabéa: “acabei de ter a franqueza de dizer para aquela moça que saiu daqui que ela ia ser atropelada, ela até chorou muito, viu os olhos avermelhados dela?” (LISPECTOR, 1998, p. 77).

Tanta alegria deixara Macabéa tonta e aturdida sem saber se atravessaria a rua, afinal, já não era mais ela mesma, era “uma pessoa grávida de futuro” (LISPECTOR, 1998, p. 79) e, então, ao decidir dar um passo na calçada para atravessar a rua, uma Mercedes-Benz a atropelou e ela ficou caída na rua com a cabeça voltada para a sarjeta.

Somente quando começa a desejar um futuro, quando percebe seu passado miserável e sente-se carente de presente, é que Macabéa vive um instante de subjetivação, seu prenúncio de consciência. Na condição de ser desejante, é no estertor da morte que “passava de virgem a mulher”. Caída na calçada, em seu momento glorioso, *grand finale* de sua hora da estrela (e a ironia se desdobra na estrela da Mercedes-Benz, ícone da sociedade industrial que atropela a migrante nordestina). (ROSENBAUM, 2002, p. 60).

Diante do Destino de Macabéa, atropelada por uma Mercedes – que segundo Yudith Rosebaum, representa o ícone da sociedade industrial – percebe-se que indivíduos como Macabéa, que não conseguem se adaptar aos moldes capitalistas, sofrem a terrível morte social. Rodrigo, o narrador, conta que ela era incompetente para a vida, para a sociedade capitalista, contrário de Olímpico que fora seduzido pela sociedade do poder e do consumo, perdendo, assim, a sua essência de um homem simples do sertão de Alagoas.

## **VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA EM ANA**

O conto “Amor” de Clarice Lispector foi escrito em 1974 e retrata uma realidade na qual as mulheres eram submissas e entregues totalmente ao lar e à família. Este conto relata a vida de Ana que se encaixa perfeitamente a essa época. A protagonista é uma dona de casa, tem um bom marido e dois bons filhos e mora em uma bela casa. Ela é excelente em seus afazeres domésticos e sua vida se resumia ao bom funcionamento do lar e dedicação à família. Ana acreditava que era possível viver sem felicidade, ela não pensava, não sentia, não lamentava, simplesmente entregava-se nas lides de dona-de-casa, de mãe e de esposa, não esperava e não queria nada da vida, os seus dias se sucediam, uns iguais aos outros e isto lhe trazia segurança e tranquilidade. Vivia uma vida sem grandes sobressaltos, de modo que tudo podia ser antecipado e era acostumada e satisfeita com a rotina que levava e que escolheu para si.

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha — com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que

tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e escolhera. (LISPECTOR, 1998, p.12,13).

Sua vida era sempre a mesma, suas preocupações também, ela não se importava consigo mesma, suas obrigações eram somente com a casa e a família. Nada de surpreendente poderia lhe acontecer. Ela reduzira suas expectativas em relação à vida e à felicidade.

Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranqüila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera. (LISPECTOR, 1998, p.13).

Mas Ana guarda em seu inconsciente desejos que insiste em negar por considerá-los um perigo à situação segura e reconfortante que imagina viver. Em determinados momentos apresenta certo desconforto, pois ela mantinha em si sensações que não conseguia negar, que insistiam em emergir do seu inconsciente: "Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantava ria dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se." (LISPECTOR, 1998, p. 12). Às vezes ela se encontra perdida, mas, lutava para achar um equilíbrio em tudo que vivia. Ela desejava algo, mas não sabia exatamente o que era. Encontrava-se presa naquele mundo de convenções e se sentia mais segura ali, porque de certa forma ela não queria perder esse mundinho ao qual ela se acha "feliz".

E o mundo de Ana está próximo a desmoronar, e esse tipo de acontecimento é uma característica forte de Clarice, "Seus personagens estão sempre sendo submetidos a um conhecimento súbito da 'verdade' em meio à banalidade da vida" (SANT'ANNA. 2009. p. 25).

Certo dia, Ana sai para fazer as compras, como era parte de sua rotina. Mas ao retornar para casa num bonde, ela se depara com a figura de um homem cego, parado no ponto e mascando chiclete com muita naturalidade. Aquilo a incomodou como se ele a insultasse mostrando a ela que apesar de cego ele era mais livre e feliz do que ela. "(...) o cego é aquele que ignora as aparências enganadoras do mundo e, graças a isso, tem o privilégio de

conhecer sua realidade secreta, profunda, proibida ao comum dos mortais." (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999, p. 217). Ela se vê nesse homem cego, pois ele traz à tona um sentimento que a sufocava e que tanto a incomodava: a falta de liberdade, o desejo de ter uma vida diferente da qual havia imposto para si mesma.

Incapaz de se mover para apanhar suas compras, Ana se aprumava pálida. Uma expressão de rosto, há muito não usada, ressurgira-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível. (...) O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascarando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito. (...) O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada. O calor se tornara mais abafado, tudo tinha ganho uma força e vozes mais altas. (LISPECTOR, 1998, p.14).

Esse encontro foi um choque de realidade para Ana, e esse turbilhão de sentimentos pelo qual a personagem passa tem o nome de epifania, o que podemos considerar uma característica recorrente de Clarice em suas obras:

Clarice Lispector, em muitas de suas narrativas, retrata o aprisionamento das personagens à condição feminina e o desejo de liberdade que as perseguem. Essas personagens, em um dos momentos banais do cotidiano, se deparam com o imprevisto de um súbito instante de revelação ou epifania, levando-as a um processo de autoconhecimento e a um momento de lucidez." (SEGATO, Maiara; COQUEIRO, Wilma. Acesso em: 02 jun. 2014).

Pode-se dizer que epifania é o despertar imediato para algo que ainda estava "adormecido", é uma sensação que é aflorada em nós, mas que já existia, apenas não tínhamos conhecimento disso, e através de alguma sensação ou sentido vem ao nosso conhecimento. Ana passa por isso ao avistar o homem cego.

Foi então que olhou para o homem parado no ponto. A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego. (...). Então ela viu: o cego mascarava chicletes... Um homem cego mascarava chicletes. (...). Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir — como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada (...). (LISPECTOR, 1998, p.13,14).

Ana sabia que não era totalmente feliz, mas se acostumara com a vida que tinha, porque afinal a sua época lhe impusera isso. Contudo, a epifania traz à personagem uma nova perspectiva de vida.

Seu desejo de liberdade emergia-se por fim, a personagem reconhece o sentimento que tanto a perturbava, sentimento de frustração, de não realização, percebera que tudo aquilo que lhe bastava em um determinado momento não fazia mais sentido, era a tão sozinha liberdade que ficara presa em si mesma. Tudo que vivera até agora, não era real, passou a compreender isso na figura do cego com sua indiferença, a sua presença causara um grande transtorno a Ana, e fez com que entendesse que na sua condição não se sentia realizada, estava presa às convenções sociais e deixara de viver. (SANTOS; Mara Regina, acesso em: 29 de mar. 2014).

Mas como seria possível um homem cego que mascava chicletes ser mais livre e feliz do que ela? Poderia ele possuir uma liberdade que ela nunca teve conhecimento, mas que de certa forma sempre quis? É como se o mundo mostrasse a ela que existem muito mais coisas do que ela imagina. Ali naquele momento um novo mundo foi descoberto por meio daquele homem e as coisas fugiram de seu controle. Ela despertou para uma nova realidade, e isso tudo a deixou com medo. Tudo estava confuso à sua volta. Ela não sabia como lidar com essas novas sensações ou com essa nova consciência de mundo.

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite — tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca. (LISPECTOR, 1998, p.15).

E com esse turbilhão de sentimentos Ana sai de si, passa de seu ponto e se encontra no Jardim Botânico. Ali ela sofre com o choque de realidade que o cego lhe causara, esse sofrimento e essa liberdade lhe davam sensação de náusea. No Jardim "As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. Quando Ana pensou que havia crianças e homens com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada" (LISPECTOR, 1998, p.16). Ela se sente muito frágil e com medo do desconhecido.

Inquieta, olhou em torno. Os ramos se balançavam, as sombras vacilavam no chão. Um pardal piscava na terra. E de repente, com mal-estar, pareceu-lhe ter caído numa emboscada. Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber. (...) Ao mesmo tempo que imaginário — era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudas, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega — era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante. (...) estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias régias boiavam monstruosas. (LISPECTOR, 1998, p.16).

Anoitece e Ana volta para casa, mas já não era mais a mesma. Assim que chegou, passou a ver o filho, o marido e a própria casa de maneira diferente:

Abriu a porta de casa. A sala era grande, quadrada, as maçanetas brilhavam limpas, os vidros da janela brilhavam, a lâmpada brilhava — que nova terra era essa? E por um instante a vida sadia que levava até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver. O menino que se aproximou correndo era um ser de pernas compridas e rosto igual ao seu, que corria e a abraçava. (LISPECTOR, 1998, p.17).

E com o desespero em que ela se encontrava abraça o filho quase ao ponto de machucá-lo, parecia que o amor por todos havia aumentado. Fez suas tarefas como sempre, mas aquele

sentimento ainda a dominava por dentro. Ela descobriu um novo mundo, mas aquele novo mundo a amedrontava e ao mesmo tempo a fascinava. O marido percebe algo diferente na esposa "Mas diante do estranho rosto de Ana, espiou-a com maior atenção. Depois atraiu-a a si, em rápido afago" (LISPECTOR, 1998, p.19), e naquele momento era o que ela precisava, pois sentia a necessidade de ser protegida, e com sua atitude ele a ajuda a deixar todos aqueles sentimentos para trás e voltar a ser a Ana que era.

(...) É hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver. Acabara-se a vertigem de bondade. E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagassem uma vela, soprou a pequena flama do dia. (LISPECTOR, 1998, p.19).

Pelo que se percebe, Ana volta a ser a mesma, mas agora com um novo olhar, um novo mundo descoberto por ela, e que deixara lembranças.

A personagem acaba se prendendo ao mundo ao qual já estava acostumada, por considerá-lo mais seguro, porém a sua consciência não continua a mesma, agora Ana consegue assumir sua própria identidade. Assim, a personagem possivelmente teria se identificado com o cego, pois ele representava o seu próprio reflexo, uma pessoa igualmente limitada. (SANTOS; Mara Regina, acesso em: 29 mar. 2014).

## CONCLUSÃO

Tanto o romance "A Hora da Estrela" como a obra "Laços de Família", foram publicados numa época em que o pensamento feminino não tinha a menor relevância. O espaço de atuação da mulher sempre foi prioritariamente privado, acesso limitado à educação, instrução administrativa de seus próprios bens, e no âmbito familiar, eram subordinadas ao marido.

Inserida numa sociedade respaldada pelo consumo desenfreado e auge industrial, a Macabéa de "A Hora da Estrela", encontra-se no contexto da indiferença, principalmente a marginalização da mulher e da miséria. E, assim como a personagem, há milhares de jovens em situações inferiores, trabalhando atrás de balcões e tendo seus direitos infringidos.

Em um trecho da obra, se faz notório que a ingenuidade e alienação da personagem principal eram, na verdade, uma válvula de escape, sua única defesa e forma de não querer reconhecer que sofria violência psicológica "se tivesse a tolice de se perguntar 'quem sou eu?' cairia estatelada e em cheio no chão" (LISPECTOR, 1998, p. 15).

No conto "Amor", Ana é uma mulher que vive conforme a imposição de sua época, ou seja, uma mulher de classe média que é submissa e entregue aos cuidados do lar e da família, e por isso é uma mulher triste que se encontra muitas vezes angustiada, e por medo de seus sentimentos ela se entrega a essa triste condição, igualando-se como as outras mulheres da sua época. Ela possui a vontade de se libertar, isto é, se fazer sujeito de sua própria existência, mas não consegue, pois se sente confortável a essa pobre rotina, e com isso ela leva sua vida pacata e infeliz. Mas em um momento da história Ana vê sua vida mudar sem ao menos poder interferir.

A mulher, Ana, sofre o processo transformador, mas como já era de se esperar, retorna ao seu mundo vazio, que escolhera para si por considerá-lo mais seguro. Porém, a sua consciência havia mudado. Agora Ana consegue assumir sua própria identidade. Macabéa, por sua vez, quando enfim reconhece ser alguém no mundo e na sociedade, sobretudo na hora de sua morte ainda era a sua hora de reconhecer uma feminilidade até aquele momento vazia. Ou seja, mesmo tarde demais, a personagem conseguiu reconhecer o que de fato era: uma mulher.

Como se demonstrou através da psicanálise, as mulheres, devido a um processo histórico de civilização, sempre ficaram em segundo plano na sociedade. Ou seja, isso mostra que vivemos sempre em uma sociedade paternalista ou também chamada de patriarcalismo, isto é, baseada na autoridade do homem. Tal desigualdade descrita fez com que as mulheres se tornassem vazias e infelizes, o que não é muito diferente nos dias atuais, em que ainda podemos encontrar muitas "Anas" e "Macabéas" na sociedade.

Clarice Lispector, através de sua literatura, relata exatamente isso: a imagem da mulher existente na sociedade na qual ainda persistem valores ultrapassados e preconceituosos. Aquele homem cego parece ser o próprio reflexo de Ana, ou seja, de uma pessoa igualmente limitada. Naquele momento ela percebe que sua vida não fazia sentido e assim tomava conhecimento da tão sonhada liberdade que estava presa dentro de si mesma.

Por fim, "A Hora da Estrela" e o conto Amor, da obra "Laços de Família", correspondem ao que Aristóteles chama de *mimese*, ou seja, Clarice Lispector usa a arte literária para recriar a realidade. Com efeito, o que pode se perceber nas obras é a dominação do gênero feminino pelo masculino: Macabéa por Olímpico, Ana por seu marido. Não obstante, as

obras costumam ser fragmentadas pela violência psíquica, onde, a mulher é retratada como fraca e desfavorável.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARRAES, Jarid. **A violência psicológica contra mulheres é um problema naturalizado.** Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **Por uma moral da ambiguidade**; tradução de Marcelo Jaques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BRASIL. **Lei Maria da Penha: Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** 13<sup>a</sup>. ed. José Olympio, 1999.

Conselho Federal de Psicologia. **Referências técnicas para atuação de psicólogos (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência.** Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2012.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização (1930). In: **Obras psicológicas completas de S. Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago vol. XXI, 1996.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu (1913). In: **Obras psicológicas completas de S. Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII, 1996.

GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice: uma vida que se conta.** 7<sup>a</sup>. ed. rev. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

GUARIZO, Adriana M. P. **G.H E MACABÉA: a via crucis do sujeito.** Disponível em <<http://www.unisalesiano.edu.br>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

LISPECTOR; Clarice. **Laços de Família: Conto amor.** 1<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. **A hora da estrela.** 1<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MASI, Carlo Velho; AMANTO, Gabriela Cruz. **A estigmatização do gênero feminino em A hora da estrela**. Disponível em: <<http://www.susepe.rs.gov.br>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

ROSENBAUM, Yudith. **Clarice Lispector/ Yudith Rosenbaum**. São Paulo: Publifolha, 2002. – (Folha explica).

SANT'ANNA, Affonso Romano. et al. **Clarice Lispector: Clarice na cabeceira**. Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 2009.

SANTOS; Regina Mara. **Análise da personagem Ana em amor de Clarice Lispector: À luz da Literatura Feminina**. Disponível em <[www.webartigos.com](http://www.webartigos.com)>. Acesso em: 29 mar. 2014.

SEGATO, Maiara Cristina; COQUEIRO, Wilma dos Santos. **Epifania: o clímax da narrativa nos contos de Clarice Lispector**. Disponível em: <<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/view/258>> Acesso em: 02 jun. 2014.

TROCOLI, Flávia. Esculpir, pintar, escrever em Clarice Lispector. In: TFOUNI, L. V. (org). **Letramento, escrita e leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.